
QUALQUER SEMELHANÇA É MERA COINCIDÊNCIA Classe social e dominação em “Os Bruzundangas” de Lima Barreto

Simone de Oliveira Mestre¹

1.Universidade Federal de Minas Gerais - simoneoliveiramestre@gmail.com .

RESUMO: A proposta deste trabalho é apontar as semelhanças entre as críticas do apresentadas na obra pelo personagem narrador em diálogo com os conceitos da Sociologia Clássica (Marx, Weber e Durkheim). Entretanto, em uma releitura atenta do livro é inegável a crítica de Lima Barreto às classes sociais presentes na República de Bruzundanga. É correto afirmar que há muitos aspectos sociológicos presentes na obra, sendo possível estabelecer conexões e diálogos com diversas teorias, entretanto, para evitar que o presente trabalho não fique confuso como a República de Bruzundanga, vamos dividir o trabalho em duas partes que paralelamente conversam com as perspectivas de Marx e Durkheim.

. PALAVRAS-CHAVE: Sociologia. Bruzundanga. Ensaio científico.

INTRODUÇÃO

“Na Arte de furtar, que ultimamente tanto barulho causou entre os eruditos, há um capítulo, o quarto, que tem como ementa esta singular afirmação: “Como os maiores ladrões são os que têm por ofício livrar-nos de outros ladrões”.

A frase acima é o primeiro parágrafo do prefácio da obra literária “Os Bruzundangas” do escritor pré-modernista brasileiro Lima Barreto. Nela podemos observar os aspectos satírico, crítico e inovador do autor, seja dito de passagem, a frase “Como os maiores ladrões são os que têm por ofício livrar-nos de outros ladrões”, cai como uma luva para descrevermos a crise ética e política que vivemos atualmente no Brasil, principalmente, para pensarmos as contradições da justiça brasileira.

Lima Barreto se consagra como um dos autores mais visionários da literatura do século XX, por suas obras retratam problemáticas sociais vigentes, principalmente, nas temáticas racial e política. Em uma época extremamente hostil para as pessoas negras, sobretudo, marcada por um abafamento dos conflitos raciais, ele insistiu em falar sobre as injustiças, vestígios da escravidão e o caráter elitista da literatura brasileira, se posicionando como um autor negro e reivindicando um “lugar de falar” do subalterno, logo, tanto sua conduta como a construção dos

seus personagens inauguram uma “literatura militante” impactada por seu próprio contexto social. (SCHWARCZ, 2017, p. 13)

A obra “Os Bruzundangas” oportuniza percebemos o olhar cáustico de Lima Barreto sobre o Brasil. O autor cria uma alegoria chamada “Bruzundanga” para retratar um país fictício, cuja história é narrada do ponto de vista de um personagem identificado como um cronista brasileiro que aqui vamos chamar de “personagem narrador”. Na metáfora apresentada na obra, o personagem narrador morou no referido país durante muitos anos, entrou em contato com as diversas classes sociais de Bruzundanga, aprendeu sua língua nativa e dessa experiência extraiu lições que acidamente Lima Barreto aponta como “alertas para a sociedade brasileira”. O personagem sintetiza em um capítulo especial e mais vinte e duas crônicas alguns dilemas e contradições dos habitantes dos Estados Unidos da Bruzundanga, chamados de bruzudanguenses, a própria palavra Bruzundanga equivale a algo inútil ou algo confuso, já indicando o tom sarcástico do autor.

As crônicas versam sobre a representação política, a administração pública, as 5 instituições e as classes sociais, especialmente a nobreza. Descortinando uma sociedade composta por políticos medíocres, uma nobreza etnocêntrica, sórdida e ultrajante, portanto, não é mera coincidência, podemos afirmar sem sobra de dúvidas que Bruzundanga é uma sátira clássica e atual sobre a República do Brasil, portanto, um prato cheio para uma leitura sociológica.

A proposta inicial do trabalho era apontar as semelhanças entre as críticas do apresentadas na obra pelo personagem narrador em diálogo com os conceitos da Sociologia Clássica (Marx, Weber e Durkheim). Entretanto, em uma releitura atentar do livro é inegável a crítica de Lima Barreto às classes sociais presentes na República de Bruzundanga. É correto afirmar que há muitos aspectos sociológicos presentes na obra, sendo possível estabelecer conexões e diálogos com diversas teorias, entretanto, para evitar que o presente trabalho não fique confuso como a República de Bruzundanga, vamos dividir o trabalho em duas partes que paralelamente conversam com as perspectivas de Marx e Durkheim.

A primeira parte abordará a questão das classes sociais e a ideologia, focalizando nas disparidades sociais presentes neste distante país sob um prisma marxista. Na segunda parte, os conceitos de dominação patriarcal – patrimonial – burocrática na perspectiva weberiana será adotado para análise a estrutura social e governamental da República da Bruzundanga, seguindo de uma breve conclusão que buscará aproximar as questões apresentadas na obra com a vida de Lima Barreto.

Parte I - As classes sociais e ideologia em Bruzundanga

As sociedades, segundo Marx E Engels, são sociedades de classes, e na sociedade de Bruzundanga não seria diferente, ela é dividida entre samoiedas que constituem uma classe privilegiada e os mestiços de javaneses, que representam uma classe indesejada, na qual é permitido somente a execução de trabalhos subalternos.

A classe dos “samoiedas” já é apresentada e igualmente problematizada pelo personagem narrador na abertura do capítulo inicial da obra intitulado “Especial”, em resumo os chamados “Samoiedas” são representantes da Escola das belas-letas da Bruzundanga, defendem que o literato não tem função crítica, cultuam os escritos ocidentais, adotando como mestre um aventureiro francês chamado Chalat e negam enfaticamente a cultura popular e a literatura oral, vistas por eles como banais e vulgares. Para seus membros, a samoieda é uma escola perfeita, definida por leis científicas da arte, que são consideradas pelo personagem narrador como absurdas, dessas leis, ele cita quatro para ilustrar aos seus leitores sua indignação com o atraso da referida escola.

Dentre as leis que estatua, eu me lembro de algumas. Ei-las:

1. Sendo a poesia o meio de transportar o nosso espírito do real para o ideal, deve ela ter como principal função provocar o sono, estado sempre profícuo ao sonho.
2. A monotonia deve ser sempre procurada nas obras poéticas; no mundo, tudo é monótono.
3. A beleza de um trabalho, poético não deve ressaltar desse próprio trabalho, independentemente de qualquer explicação; ela deve ser encontrada com as explicações ou comentários fornecidos pelo autor ou por seus íntimos.
4. A composição de um poema deve sempre ser regulada pela harmonia imitativa em geral e seus derivados. (LIMA BARRETO, 1922, p. 10)

O personagem narrador utilizar a expressão “*Alhos por bugalhos*” para se referir ao fato de os Samoiedas utilizarem de forma equivocado das letras, reafirmando uma característica marcante no pensamento de Lima Barreto, sua militância literária, defendendo que a literatura não poderia ser resumida a pureza gramatical e sim ao seu caráter crítico

Antes de prosseguirmos falando a respeito da aversão do nosso personagem narrador pelos membros da Escola Samoieda, é importante enfatizar as semelhanças entre os pensamentos de Lima Barreto e as ideais de Karl Marx e Friedrich Engels, uma maneira de compreender essas aproximações está presente na conduta crítica e no pioneirismo programático de ambos. Enquanto, Lima Barreto buscava falar das desigualdades em um contexto literário de negação da sua existência, Marx e Engels defendem uma filosofia para além das especulações teóricas,

em outras palavras, uma filosofia da prática, como afirma em Teses sobre Feuerbach, especificamente no trecho.

A questão de saber se ao pensamento humano cabe alguma verdade objetiva] não é uma questão da teoria, mas uma questão prática. Na prática tem o homem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza ceterior de seu pensamento. A disputa acerca da realidade ou não realidade de um pensamento que se isola da prática é uma questão puramente escolástica. (KARL & ENGELS, 1976. , p. 537)

Diante desta percepção, podemos concluir que a literatura bruzundanguense está para Lima Barreto, assim como a filosofia do direito de Hegel está para Karl Marx. Igualmente, percebe-se que os samoiedas estão para a Bruzundanga, assim como a Burguesia está para o capitalismo, ou melhor, os samoiedas são equivalentes a burguesia instituída por Marx, enquanto os descendentes de Javaneses podem ser percebidos como a classe operária.

O conflito de classe existente entre samoiedas e os javaneses, ilustrado na passagem na qual o personagem narrador descreve a situação na qual o Visconde Pancomé, Ministro de Estrangeiros que trata de sabotar escancaradamente candidatos da raça javanesa que “ousam” participar dos concursos públicos para trabalhar nas repartições públicas de Bruzundangas:

A sua atrapalhação estava na tal história do concurso, pois até ali, devido a tão tola formalidade, não conseguira ter nos cargos de amanuenses moços bonitos e demais, para fazer concursos, sempre apareciam uns rebarbativos candidatos de raça javanesa, com os quais ele embirrava solenemente. Da última vez, até, quase que um atrevido javanês puro consegue o primeiro lugar, tal era o brilho de suas provas; Pancome, porém, arranhou as cousas tão lealmente diplomáticas que o rapaz perdeu a última prova. (LIMA BARRETO, 1922, p. 87)

As divisões sociais das classes em Bruzundangas segue consideram são pautadas através das características raciais de da posição econômica, representada através da Nobreza da Aristocracia Bruzundanguense. Na racial, os Samoiedas representam a elite intelectual e branca e os descendentes da raça Javanesa, equivalem aos negros da sociedade Brasileira e ocupam uma posição subalternar na sociedade bruzundanguense, conforme descreve o personagem narrador nos seguintes trechos:

Uma das suas quizílias era com os feios e, sobretudo, com os bruzundanguenses de origem javanesa — coisa que equivale aqui aos nossos mulatos. Constituíam o seu pesadelo, o seu desgosto e não julgava os indivíduos dessas duas espécies apresentáveis aos estrangeiros, constituindo eles a vergonha da Bruzundanga, no seu secreto entender. (LIMA BARRETO, 1922, p. 83)

Como todos nós sabemos, a raça samoieda é de estatura baixa, pouco menos que a dos lapões, cabelos longos, duros e negros de jade, vivendo da carne de renas, de urso branco [...]. Entretanto, na opinião

dos poetas daquela república, que dizem seguir as teorias da literatura do Oceano Ártico, não são os samoiedas assim, como o contam os mais autorizados viajantes; mas sim os mais belos espécimens da raça humana, possuindo uma civilização digna da Grécia antiga. (LIMA BARRETO, 1922, p. 13)

As citações acima falam por si, mostram o quão ultrajante são desigualdades de classes em Bruzundanga, nesse sentido, Marx e Engels em sua obra O manifesto Comunista, defendem que a história da Sociedade tem sido uma história de lutas de classes, lutas entre classes exploradas e exploradoras, dominadas e dominantes, em diversos estádios do desenvolvimento social (MARX & Friedrich., 1997, p. 11).

Do mesmo modo, podemos afirmar, que a história de Bruzundanga é a história de supervalorização de uma classe samoieda em detrimento e negação de outra dos descendentes de javaneses. E esse processo, pode ser observado ao analisamos como as samoiedas conseguem estabelecer dentro da própria nobreza estratégias de dominação e manutenção do seu *status quo*.

Parte III - A dominação na República dos Estados Unidos da Bruzundanga.

A nobreza de Bruzundanga, assim como as classes, são divididas, entre nobreza doutoral e nobreza do palpite, do lado mais nobre da Aristocracia é ocupado pela nobreza doutoral, composta exclusivamente pela classe dos samoiedas caracterizada pelo domínio da titulação acadêmica.

A aristocracia doutoral é constituída pelos cidadãos formados nas escolas, chamadas superiores, que são as de medicina, as de direito e as de engenharia. Há de parecer que não existe aí nenhuma nobreza; que os cidadãos que obtêm títulos em tais escolas vão exercer uma profissão como outra qualquer. É um engano. Em outro qualquer país, isto pode se dar; na Bruzundanga, não. (LIMA BARRETO, 1922, p. 16)

Enquanto a nobreza do palpite se assemelha a classe média existente no Brasil, uma espécie de meio termo, em outras palavras, não são umas samoiedas muito menos descendentes de javaneses. Essa nobreza do palpite é caracteriza por sua ambição em alçar reconhecimento similar a nobreza doutoral, juntam econômicas tentar comprar títulos de sobrenomes no exterior, especificamente sobrenomes europeus, objetivam alcança um reconhecimento que só vem da parte da Nobreza doutoral, posto que

No país, esses titulares de palpite não têm-importância alguma na massa popular. Os do povo respeitam mais um modesto doutor de farmácia pobre do que um altissonante Medina Sidoniaⁱ de última hora; a elite, porém, a nata, — essa sim! — Tem por eles o respeito que se devia aos antigos nobres. [...]A

gente civilizada e rica, entretanto, não pensa assim, leva-os a sério e os seus títulos são berrados nos salões como se estivessem ali um Montmorency, um Conde de Vidigueira, um Duque d'Alba, que, por sinal, foi tomado para ascendente de um grave senhor da Bruzundanga, que desejava a incorporação do proletário à sociedade moderna. (LIMA BARRETO, 1922, p. 28)

A aceitação desses pelos membros da Nobreza Doutoral, garante um passaporte para conviver com a aristocracia, embora, a diferença entre elas seja extremamente marcada nas relações sociais, considerando que segundo o autor a nobreza do palpite “não é firmada em lei ou costume; não é documentada por qualquer espécie de papel, édito, código, carta, diploma, lei ou o que seja. (LIMA BARRETO, 1922, p. 19)

A formação acadêmica é exclusiva das elites econômicas/nobreza doutoral, a formação superior é uma forma de dominação burocrática utilizada para garantir ocupação dos cargos de maior prestígio, tanto na esfera pública quanto na privada. O intelectualismo bruzundanguense, portanto instituído dentro de uma lógica apontada pelo narrador como Q.E.D - *Quod erat demonstrandum*¹.

Segundo Max Weber, não podemos avaliar as implicações culturais do avanço da dominação burocrática, porém: *Ela está naturalmente a serviço do avanço do "racionalismo" na condição da vida.* (WEBER, 1999, p. 130), no caso de Bruzundanga são os o título superior garante a nobreza doutoral a legitimamente pautada na racionalidade, dessa forma, nada que é proposto ou criando por eles é visto como abusiva ou equivocada.

Dentre os privilégios do monopólio do poder burocrático a nobreza doutoral usufruir de diversos privilégios especiais, entre eles, inserção ou descontos de até 50% de nos imposto, resultando assim, em um círculo sólido de perpetuação da dominação de sua classe, enquanto a educação é inacessível aos demais, como argumenta o personagem narrador ao falar do acesso as escolas superiores: *A formatura é dispendiosa e demorada, de modo que os pobres, inteiramente pobres, isto é, sem fortuna e relações, poucas vezes podem alcança-la.* (LIMA BARRETO, 1922, p. 23)

Um exemplo mais específico de como Bruzundanga reflete a ambivalência das classes sociais em relação a nobreza doutoral e nobreza do palpite aparece na passagem: *No país em questão, eles não se distinguem por botões, mas pelos anéis* (LIMA BARRETO, 1922, p. 25). Os anéis constituem signos que marcam a diferença entre os doutores e os demais, sendo sua maior manifestação oriunda das pedras preciosas dos anais, que indicam a posição e formação superior dos nobres doutorais, conforme podemos observar na pirâmide abaixo.



Pirâmide construída a partir da hierarquia da nobreza doutoral de Bruzundanga, referência: LIMA BARRETO, 1922, p.18.

Além de utilizar a formação superior para estabelecer uma dominação burocrática, a nobreza doutoral expressa a forma mais pura de dominação patriarcal - Dominação patrimonial – considerando que sua composição é exclusivamente masculina, na qual cabe as mulheres apenas a posição de serem eleitas como esposas e executarem seu papel doméstico. Essa dominação patriarcal na perspectiva de Max Weber se fundamenta na “tradição”, em algo concebido como inviolável.

Na dominação patriarcal é a submissão pessoal ao senhor que garante a legitimidade das regras por este estatuídas, e somente o fato e os limites de seu poder de mando têm, por sua vez, sua origem em "normas", mas em normas não-estatuídas, sagradas pela tradição. (WEBER, 1999, p. 233)

A dominação patriarcal/ patrimonialista é outra semelhança entre Bruzundanga e o Brasil, considerando que segundo Florestan Fernandes o status senhorial brasileiro era responsável pela difusão de *símbolos e valores sociais mantidos, difundidos e impostos pela tradição cultural patrimonialista* (FLORESTAN, 1976, p. 84), tal constatação, permite igualamos o status doutoral da elite de Bruzundanga ao status senhorial da elite brasileira.

O patrimônio natural de Bruzundanga é composto por rica terra com solo rico em diversos minerais e jazidas de ouro, entretanto sua riqueza é corroída pela aristocracia local, como

mencionada anteriormente, a responsável pela administração do país, conforme escreve indignado o personagem narrador:

Não há lá homem influente que não tenha, pelo menos, trinta parentes ocupando cargos do Estado; não há lá político influente que não se julgue com direito a deixar para os seus filhos, netos, sobrinhos, primos, gordas pensões pagas pelo Tesouro da República. No entanto, a terra vive na pobreza; os latifúndios abandonados e indivisos; a população rural, que é a base de todas as nações, oprimida por chefões políticos, inúteis, incapazes de dirigir a coisa mas fácil desta vida. (LIMA BARRETO, 1922, p. 22)

É importante salientar, que as pessoas que integram a nobreza doutoral são as mesmas pessoas, que exercem cargos políticos, administrativos e diplomáticos, e portanto, elaboram leis e conduzem as políticas financeiras, cujas as práticas visam seus benefícios próprios em detrimento do tesouro nacional, “rifam” escancaradamente a riqueza natural do país para o capital estrangeiro, para garantir a manutenção de privilégios e seus rituais de caráter fúteis e inúteis.

A realidade miserável e as atitudes vergonhosas dos políticos de Bruzundangas, fazem com que o ideal *de todo e qualquer natural da Bruzundanga é viver fora do país* (LIMA BARRETO, 1922, p. 27). A próprio nobreza bruzundanguense, assim, como a elite brasileira, viver a ojeriza da pobreza, que é resultante de suas próprias ações desmedidas e corruptas.

Ao falar da nobreza de Bruzundanga, percebemos, quão grande é o “lugar de falar” de Lima Barreto nessa obra, interfere no modo como ele enxerga os conflitos sociais, possibilitando uma leitura sofisticada sobre preconceito, a discriminação e as desigualdades como estruturas que operam a favor do um elite acadêmica e política, portanto, a própria conduta do autor pode ser compreendida sociologicamente como uma crítica a ideologia dominante, compreendida como *instrumentos da dominação de classe [...] A ideologia é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados* (KARL & ENGELS, 1976. , p. 87).

Podemos afirmar que a corrupção permeia todas as instituições sociais de Bruzundanga, exceto, a igreja, pois o personagem narrador dedica poucas linhas para falar das religiões, em poucas palavras, ele relata se tratar de um país majoritariamente católico apostólico romano cercado por muitas igrejas e conventos de frendes e monjas estrangeiros, finalizando a crônica sobre a religião em Bruzundanga com a seguinte frase: *Não há mais que dizer sobre tão relevante assunto* (LIMA BARRETO, 1922, p. 76).

Tal afirmação não resulta de uma insensibilidade de Lima Barreto sobre a temática religiosa, a questão é de escolha metodológica de escrita, analisando a obra, percebemos que o autor priorizar o tratamento da instituição responsável pela educação, ou melhor, a instituição responsável pela manutenção da burguesia.

De forma que os filhos dos poderosos fazem os pais desdobrar bancas de exames, pôr em certas mesas pessoas suas, conseguindo aprovar os pequenos em aritmética sem que ao menos saibam somar frações [...]. Com tais manobras, conseguem sair-se da alhada e lá vão, cinco ou seis anos depois, ocupar gordas sinecuras com a sua importância de "doutor". Há casos tão escandalosos que, só em contá-los, metem dó. eles? Inscrevem-se nos exames de lá, partem e voltam com as certidões de aprovação. Continuam eles nessas manobras durante o curso superior. (LIMA BARRETO, 1922, p. 35)

As escolas de ensino superior de Bruzundanga como mencionado, são compostas por instituições à serviço da manutenção de privilégios sociais, a qualidade do ensino não é uma característica que elas possuem, muito menos é tratada como algo prioritário. O sistema educacional de Bruzundanga funciona para garantir a exclusão dos mais pobres e emitir títulos para os herdeiros da aristocracia.

Portanto, o sistema de ensino é aparelhado como uma forma de dominação, na qual as ambivalências de Bruzundanga com relação a nobreza doutoral, a nobreza do palpite e os mestiços javaneses, contém raízes profundas e indicando que ela provavelmente não desaparecerá.

Considerações Finais

As crônicas apresentadas ao longo da obra privilegiam uma narrativa irônica que expressão a opinião de Lima Barreto sobre o Brasil, vejamos as três razões plausíveis para isso. A primeira, podemos constar no significado da palavra Bruzundanga que denota coisa de pouca serventia ou amontoado de coisas inúteis.

A segunda razão é quando ainda no prefácio da obra Lima Barreto destaca que: A "Bruzundanga" fornece matéria de sobra para livrar-nos, a nós do Brasil, de piores males, pois possui maiores e mais completos. Sua missão é, portanto, como a dos "maiores" da Arte, livrar-nos dos outros, naturalmente menores. (LIMA BARRETO, 1922, p. 4).

A terceira e mais forte razão para afirmar que a obra uma sátira que expressa a opinião de Lima Barreto, a crítica ácida de Lima Barreto a elite intelectual é representada na caracterização da nobreza doutoral, o personagem narrador não pede a oportunidade de

alfinetar, como podemos perceber em várias passagens extremamente irônicas, como a em destacamos a seguir.

Poderia mais esclarecer semelhante escola, os seus processos, as suas regras, as suas superstições; mas não convém fazer semelhante cousa, porque bem podia acontecer que alguns dos meus compatriotas a quisessem seguir. Já temos muitas bobagens e são bastantes. Fico nisto. (LIMA BARRETO, 1922,

p. 17).

Esse trecho, reflete a abundância de sátiras presentes na obra, que é permeada de muita ironia e caricaturas, frequentemente, esses elementos estilísticos utilizados pelo personagem narrador para fazer uma alusão às indignações de Lima Barreto com a sociedade brasileira, especificamente, a elite intelectual.

O intento por trás de muitas alusões apresentadas na obra é que os leitores se lembrem de certas coisas e deixem outras associadas fluir livremente, como por exemplo, no trecho em que o personagem narrador critica os intelectuais bruzundanguenses (os samoiedas) chamando suas letras de “gramaticazinha de tico-tico e arte poética de Chalat”, o personagem Chalat não só alude a um alegórico personagem que entre linhas trata-se de um charlatão que não conseguindo sucesso entre os literatos franceses, aproveitou-se do fascínio dos samoiedas pelos escritos europeus para obter reconhecimento, como percebemos na seguinte alusão do personagem narrador: *Chalat afrontou a crítica e não podendo defender-se com os clássicos franceses, apelou para a poesia em língua samoieda.*

Em sua obra “Lima Barreto: triste visionário”, Lília Schwarcz ao analisar o livro *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, aponta que em certa medida, Lima Barreto é autor e personagem de sua própria obra – “*Que Este é, pois, o livro de uma vida que, sem ser espelho, se mistura muito com a obra.*” (SCHWARCZ, 2017, p. 18). Em “*Os Bruzundangas*”, Lima Barreto apresenta sua indignação pessoal com os preconceitos que sofreu, ao dizer que em Bruzundanga (ou seja, no Brasil):

A gente solene da Bruzundanga dizia dele o seguinte: “E um javanês (equivalente ao nosso “mulato” aqui) e não sabe sânscrito”. Essa gente sublime daquele país é quase sempre mais ou menos javanesa e, quase nunca, sabe sânscrito. Todo estímulo se vai e uma arte própria lá não se cria por falta de correspondência entre o herói artístico e a sua sociedade. (LIMA BARRETO, 1922, p. 100)

Esse trecho, representa nitidamente um desabafo de Lima Barreto, sendo ele o possível autor de origem javanesa (pobre e negro) que é desvalorizado Escola Samoieda (Academia Brasileira de Letras).

ANY SIMILARITY IS MERELY COINCIDENCE: Social class and domination in “Os Bruzundangas” by Lima Barreto

ABSTRACT: The proposal of the character of the work is like similarity between the criticisms of the proposal by the narrator character and with the concepts of Classical Sociology (Marx, Weber and Durkheim). However, in a careful rereading of the book, Lima Barreto's criticism of the social classes present in the Republic of Bruzundanga is undeniable. It is correct to say that there are many sociological aspects present in the work, being fixed as identical and different dialogues with different theories, however, to avoid that the work is not confused between two republics of Bruzunda, we will divide the work into parts that in parallel talk with the perspectives of Marx and Durkheim.

KEYWORDS: Sociology. Bruzundanga. Scientific essay.

REFERÊNCIAS

FLORESTAN, F. **A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

KARL, M., & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. L. C. Costa, Trad. Lisboa: Editorial Presença, 1976.

LIMA BARRETO, A. **Os bruzundangas**. CEDIC, 1922.

MARX, K., & Friedrich., E. **Manifesto do partido comunista**. 2.a edição ed. Lisboa: Avante!, 1997.

SCHWARCZ, L. **Lima Barreto : triste visionário**. 1a ed. ed. São Paulo.: Companhia das Letras, 2017.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamento da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, (999).